

O TEMPO DE OBSERVAR

A maturidade como vida contemplativa: gratuidade, paternidade espiritual e a sabedoria de fazer menos para ver mais

AINOR FRANCISCO LOTÉRIO

“É chegado um tempo em que nada preciso cobrar, nada preciso pedir, nem muito preciso fazer: tudo preciso observar. Falar muito de meus filhos para Deus, e menos de Deus para os filhos, porque Deus é conhecido de todos. Amar a minha esposa. Ela e os filhos estão tão bem. Eu me recolho, faço o meu trabalho como sempre fiz. Vou aprendendo, vou vivendo.”

Anotação do autor, agosto de 2026

I. O ANÚNCIO DE UMA IDADE

Há um momento na vida de um homem em que ele percebe que já não precisa segurar o mundo com as mãos. Não porque tenha desistido dele, mas porque descobriu que o mundo se sustenta melhor quando é olhado do que quando é empurrado. Esse momento não chega por decisão, chega por maturação, como a fruta que se solta do galho sem que ninguém a colha. É a passagem da vida ativa para a vida contemplativa, nome antigo que a tradição espiritual deu a essa virada e que, muitas vezes, é confundida com aposentadoria, com desânimo ou com fim de percurso.

Não é nada disso. A vida contemplativa não é ausência de obra, é mudança do lugar de onde se olha a obra. Quem observa não está fora do campo: está no ponto mais alto do campo, de onde se vê a lavoura inteira, a chuva que vem, o gado que se move e o filho que já sabe conduzir sozinho o trator. O agricultor experiente sabe disso melhor do que ninguém. Chega o dia em que ele senta na varanda e o que ele faz sentado vale mais para a propriedade do que aquilo que faria de enxada na mão.

II. FALAR DOS FILHOS A DEUS

A inversão mais delicada dessa idade é a que se dá na paternidade. Durante décadas, o pai fala de Deus aos filhos: ensina, corrige, insiste, repete, adverte. É o tempo do plantio, e no plantio a mão precisa mesmo tocar a terra. Mas vem o tempo em que ele passa a falar dos filhos a Deus, e essa mudança de destinatário é uma das mais altas expressões de confiança que um ser humano pode alcançar. Falar dos filhos a Deus é reconhecer que a semente já foi posta, que ela germinou por conta própria e que continuar cavando ao redor dela seria atrapalhar a raiz.

Isso é a Pedagogia da Ausência aplicada ao coração. O mesmo princípio que faz um pai recuar da empresa para que os filhos assumam a gestão faz o pai recuar do púlpito doméstico

para que os filhos assumam a própria fé. O recuo cria espaço. E o espaço, não a insistência, é o que permite ao outro tornar-se sujeito. Quem continua falando depois do tempo de falar não demonstra zelo, demonstra desconfiança naquilo que plantou.

Há ainda a razão teológica, e ela é bela: Deus é conhecido de todos. O pai não é o intermediário necessário entre o filho adulto e o Criador. Sua função agora é a do intercessor, aquele que carrega nomes diante de Deus em silêncio, sem que os donos dos nomes sequer saibam. É um trabalho invisível e constante, feito na madrugada e na estrada, e é provavelmente o mais eficaz de todos os trabalhos paternos.

III. NADA COBRAR, NADA PEDIR: A GRATUIDADE

“Nada preciso cobrar, nada preciso pedir.” Essa frase merece ser lida devagar, porque nela está o estado final da gratidão. A gratidão comum é uma resposta: recebi algo e devolvo reconhecimento. É boa, é justa, mas ainda é contábil, ainda pertence à lógica da troca. A gratidão madura é outra coisa: é a gratuidade, o regime em que já não se agradece por isto ou por aquilo, porque tudo, indistintamente, já é dado. Não se cobra porque nada falta. Não se pede porque tudo já foi recebido antes do pedido.

Quem alcança esse ponto muda a relação com todas as instituições que serviu, com todas as pessoas que ajudou e com toda a obra que construiu. Deixa de esperar reciprocidade e passa a desejar apenas a permanência do bem. É por isso que o homem grato não é o que retribui, mas o que permanece. Ele deixa de ser credor da vida e volta a ser hóspede dela.

Daí nasce também o desprendimento institucional, que é a face pública da mesma virtude. Discernir o que se retém e o que se entrega não é perda de identidade: é a identidade chegando ao essencial. O que resta depois da entrega é aquilo que realmente se é.

IV. TRÊS COMPANHIAS DE LEITURA

Nenhuma dessas intuições é solitária. Três autores as pensaram com profundidade e podem acompanhar quem chega a essa idade.

Romano Guardini, em *As Idades da Vida*, sustenta que cada etapa da existência possui um valor próprio, irredutível, e não é mero degrau para a seguinte. A maturidade e a velhice não são declínio da juventude: são idades com tarefa própria, e a tarefa da última é a sabedoria, isto é, a capacidade de ver o todo. Quem tenta permanecer jovem perde a tarefa que lhe foi confiada.

Josef Pieper, em *Ócio e Culto*, defende que a contemplação não é o oposto do trabalho, mas o seu fundamento. O ócio de que fala não é preguiça: é a atitude receptiva diante do real, o silêncio interior que torna possível conhecer. Uma cultura que só sabe produzir perde a capacidade de celebrar, e sem celebração o trabalho degenera em servidão. “Tudo preciso observar” é, em linguagem simples, exatamente a tese de Pieper.

Henri Nouwen, em *A Volta do Filho Pródigo*, descreve o itinerário de quem deixa de ser o filho que parte e o filho que reclama para tornar-se o pai que espera. O pai da parábola quase

não age: ele olha a estrada, acolhe, abençoa e não cobra. Nouwen chama isso de vocação à paternidade espiritual, a mais difícil e a mais tardia das conversões, porque exige abrir mão do direito de exigir.

V. O RECOLHIMENTO NÃO É RECUO

“Eu me recolho, faço o meu trabalho como sempre fiz.” Aqui está o equilíbrio que impede essa idade de virar melancolia. Recolher-se não é sair de cena, é diminuir o volume para aumentar a densidade. O trabalho continua, a palavra continua, o serviço continua, mas sem a ansiedade do reconhecimento e sem a necessidade de ocupar todos os espaços. Faz-se menos coisas e faz-se melhor as coisas que restam, porque restaram justamente as essenciais.

No campo, essa lição é visível. A árvore adulta não gasta mais energia em crescer para os lados: gasta em produzir fruto e em fazer sombra. O garapuvu que se ergue acima da mata não compete com as outras árvores, ele abriga as que estão embaixo. Nenhuma delas cresceria sem aquela sombra, e a árvore, por sua vez, não precisa de nenhuma delas para justificar sua altura. Assim é o homem recolhido: presente sem pressão, útil sem alarde.

VI. VOU APRENDENDO, VOU VIVENDO

A frase que fecha essa anotação é a mais humilde e a mais decisiva. Não há aqui nenhuma pretensão de ter chegado. Há gerúndio, isto é, há caminho. Quem afirma “vou aprendendo” guarda a única disposição que impede a maturidade de virar arrogância: continuar aluno. E quem afirma “vou vivendo” recusa transformar a própria vida em monumento.

É esse o convite deste tempo: observar mais, cobrar menos, interceder em silêncio, amar quem está por perto e continuar aprendendo até o fim. Não é pouco. É, na verdade, tudo o que se pode fazer quando já não é preciso fazer muito.

REFERÊNCIAS PARA APROFUNDAMENTO

GUARDINI, Romano. *As Idades da Vida*. Obra publicada originalmente em 1953. Reflexão sobre o valor próprio de cada etapa da existência humana e sobre a tarefa espiritual da maturidade.

PIEPER, Josef. *Ócio e Culto*. Obra publicada originalmente em 1948. Defesa da contemplação e da festa como fundamentos do trabalho e da cultura.

NOUWEN, Henri J. M. *A Volta do Filho Pródigo*. Obra publicada originalmente em 1992. Itinerário espiritual do filho ao pai e vocação à paternidade que acolhe sem exigir.

SOBRE O AUTOR

Ainor Francisco Lotério nasceu em 27 de janeiro de 1961, na comunidade rural de Campestre, em Vidal Ramos, Santa Catarina, filho de Érica Laurentino Lotério e de Auri Fábio Lotério, agricultor e cooperativista pioneiro. É agrônomo, filósofo, teólogo e mestre em gestão de políticas públicas, com formação também em psicopedagogia, gestão de marketing e metodologia do ensino superior.

Dedicou mais de quatro décadas à extensão rural, chegando à direção estadual do serviço de assistência técnica de Santa Catarina. Foi prefeito de Camboriú, assessor legislativo e consultor do setor cooperativista. É diácono permanente desde 2003 e apresenta o programa de rádio Alegria de Viver desde 1989.

Palestrante e escritor, atua nas áreas de motivação, cooperativismo, comunicação, longevidade e Agrosafia, filosofia de vida que criou para integrar sabedoria agrícola, valores humanistas e sustentabilidade. Mantém o Sítio Agrosafia, na Comunidade Rural do Braço, em Camboriú, laboratório vivo dessa proposta, onde cultiva espécies nativas da Mata Atlântica. É casado com Ana Maria Rebelo Lotério, pai de Ainor Manoel e Lucas Manuel, e avô de Helena, Maria e Luiza.

CONTATO

ainorfloterio@gmail.com

WhatsApp (47) 99967-5010

www.ainor.com.br | www.loterio.com.br